

PODCAST VEJA BEM

TRANSCRIÇÃO DO PODCAST VEJA BEM, T1E06

Abaixo, seguem as legendas utilizadas:

C = Professor Clóvis de Barros

F = Professor Carlos Ferrari

V = Vinheta

L = Locução

F: Você não enxerga, né, Ferrari? Mas vê o mundo com os olhos do coração!

C: A lógica do amor nos permite perceber a realidade da maneira que nos é mais linda, mais maravilhosa, mais incrível...

V: Veja Bem: o podcast semanal para pensar a vida com outros olhos. Com os professores Clóvis de Barros Filho e Carlos Ferrari.

F: Mais um programa, professor Clóvis! Hoje nós vamos falar sobre um sentimento, ou seria uma condição que nos faz humanos? Eu, sempre quando penso em amor, penso que, quanto mais nós lemos, refletimos, mais à vontade é de descobrir coisas, porque não acredito que exista algo tão potente para nos definir enquanto seres humanos. Que prazer, professor, mais uma vez fazer esse bate-papo semanal, aqui no Veja Bem.

C: Carlos! Que alegria o reencontrar! O tema de hoje é o mais interessante e mais lindo... O amor... Nada supera o amor! É a condição do Homem. É também um sentimento. Temos tudo para esmiuçar o tema sempre com nossa ótica tão particular...

F: E geralmente a gente sempre começa com uma pergunta para impulsionar as reflexões do professor Clóvis, que nos encantam e que garantem a audiência, que garantem que você volte. Mas hoje, no feed, na capa do programa, nós já temos duas perguntas bastante provocadoras, bastante inquietantes, eu diria. A gente pergunta: o amor é cego? E a gente pergunta: quando que nós vemos com os olhos do coração?

Mas, antes da gente chegar nessas perguntas, professor, cabe uma provocação. Porque, ao longo da história da Humanidade, vários pensadores falaram sobre o amor, com muitas lentes diferentes, perspectivas, sentimentos, dores e alegrias que influenciaram as reflexões desses homens e mulheres, ao longo da história do pensamento.

Pra gente entrar nesse assunto tão fascinante, quais pensamentos acerca do amor o senhor destacaria, para dar um clarão nesse papo?

C: Rapaz... Eu penso que o primeiro a falar do amor com consistência, no mundo ocidental, foi Platão. Ele tem um diálogo exclusivamente vinculado ao tema, chamado "o banquete". A definição dele vem na boca de Sócrates. A definição é muito conhecida: o amor é desejo, Carlos. O amor é desejo e o desejo é por aquilo que não temos, não

somos, não fazemos, não lemos, não escutamos e assim por diante. O amor é sempre na falta.

A segunda definição de amor que me parece maravilhosa é a de Aristóteles, muito diferente da de Platão. No caso dele, o amor é uma espécie de alegria. O amor é no encontro, é na presença. O amor é querer estar com quem se está. É querer estar onde se está, é querer continuar fazendo o que se faz... O amor é pelo mundo quando o mundo quando o mundo faz bem.

Enquanto o primeiro é na falta, o segundo é na presença. E o terceiro amor, Carlos, claro, a mais importante concepção, talvez, da História da Humanidade, o amor de Jesus de Nazaré. É um amor ágape, é um amor de preocupação e oferecimento, de entrega incondicionais, aonde você tudo fará para tirar de alguém um sorriso que, sem você, não teria conseguido sorrir um instante de alegria que só você poderia ter dado causa. Um momento de Felicidade que precisava muito de você pra acontecer. Uma vida dedicada ao outro, a qualquer outro de quem nos aproximamos. Uma vida dedicada ao próximo.

Aí você tem três concepções de amor, Carlos, pra dar um pontapé inicial. Espero que tenha ficado claro... Eros de Platão, é desejo. Filia, de Aristóteles, é alegria; Ágape, de Jesus, é entrega... É oferecimento. É preocupação. Com os 3 juntos, não pode dar errado!

F: Não! É vida plena, é vida potente! Seja com a ausência, com a presença, com a entrega. Por isso é amor, por isso nos torna humanos. Aí, professor, a gente entra no tema do programa. Porque nós provocamos e convidamos todo mundo a sentar pra ouvir a gente, ou a correr pra ouvir a gente, enfim... A vir junto... Dizendo se perguntando: o amor é cego?

Essa expressão, professor, geralmente é usada quando algo deu ruim. Tornou-se um dito popular quando alguém perde uma pessoa amada, ou mesmo quando está sofrendo... A provocação: será que dá pra gente ressignificar essa afirmação? Dá pra a gente recorrer a belos momentos da vida e afirmar: "o amor é cego numa perspectiva de alegria, de entrega, de potência positiva do amor?"

C: Bem, Carlos, quando se fala que o amor é cego, quase sempre, no senso comum, estamos nos referindo ao fato de que, afetados pelo amor, percebemos o mundo de uma maneira, diria, distorcida, de uma maneira equivocada, falsa e, portanto, o amor nos levaria à falsidade, ao equívoco e, portanto, a eventuais tristezas... pois, muito bem, esse é o entendimento mais geral, mais comum, como você destacou. O problema, Carlos, é que, com ou sem amor, o nosso olhar para o mundo é sempre um olhar definido, eu diria, pelas nossas competências perceptivas. Isso significa o quê? Significa que, imaginemos um vidente que enxerga perfeitamente. Esse vidente tem dois olhos e, por isso, ele captura o mundo através desses dois olhos. Se ele, porventura, tivesse 4 olhos, ele captaria outro mundo. O mundo teria, para ele, outra aparência. Seria percebido de outra maneira.

Portanto, aquilo que nós vemos do mundo, resulta das nossas percepções do mundo. É sempre um “eu” eu a definir e fabricar as condições e percepções do mundo. Esse “eu” não só ama, mas também está triste, alegre, ansioso, angustiado. E tudo isso também afeta a nossa percepção do mundo. Aqueles que querem porventura atacar o amor/paixão, relacionando a essa deformação perceptiva do mundo, poderiam entender as coisas num sentido bem invertido, bem outro. E qual é a proposta que eu faço? É exatamente essa: a lógica do amor nos permite perceber a realidade entre milhões de formas de perceber a realidade.

A lógica do amor nos permite perceber a realidade da maneira que nos é mais linda, mais maravilhosa, mais incrível e isto se dará com ou sem a percepção visual do amado. Porque, é claro, o amado tem formas, têm extensões, o amado é perceptível pelo tato, tem voz... E, sobretudo, Carlos, o amado tem alma. E a alma, Carlos, essa alma, ela se manifesta através das ideias, das tomadas de posição, do jeito de ser... E nós, Carlos, que temos esse olhar particular sobre o mundo somos, muitas vezes, melhores, mais bem preparados, Carlos, para invadir a alma daqueles com os quais nos relacionamos, porque não nos deixamos distrair pelas insignificantes aparências que o mundo da cosmética coloca entre nós e a alma daquele que nós amamos.

Por isso, de fato, o amor, para ser amor, tem que ser cego. Passar por cima das veleidades da aparência, para chegar na essência da alma do amado.

F: O amor é um jeito de ver o mundo, né, professor? Por isso a gente fecha os olhos físicos, aqueles que os têm, por vezes, para poder se utilizar da lente do sentir, e aí abstrair todo o mundo. Às vezes, com felicidade, porque há presença; às vezes com dor, porque há desejo; às vezes com emoção, porque há entrega.

A gente fecha um canal e abre outros tantos. Quando a gente convidou vocês para pensar a vida com outros olhos, tendo brincado aqui com uma série de reflexões, e tendo falado sério outras tantas, para reposicionar as palavras e reconsolidar muitas ideias, quando a gente faz isso, ao fim, estamos contribuindo, acredito, para ampliar sua perspectiva para perceber o mundo. E perceber o mundo com amor é muito mais agradável, mesmo que seja doloroso. E a lembrança, a história que fica, é sempre muito intensa.

L: Uma historinha de amor romântico: texto de Carlos Ferrari, adaptado para esse podcast e publicado originalmente no livro: “Visões para uma boa conversa sobre inclusão e cidadania.” Locução: Jobis Guerra.

Os dois viveram felizes para sempre. Terminou assim. Quer dizer, talvez não tão felizes, e “para sempre” talvez seja um pouco de exagero, mas com certeza viveram e um dia se conheceram.

O amor não foi à primeira vista, ao menos, de ambas as partes, já que um dos dois não enxergava, mas há quem diga que talvez tenha sido o primeiro sorriso.

PODCAST VEJA BEM

Matheus e Julia, donos de nomes que estão na moda, poderiam ainda ser, quem sabe, Renata e Luciana, Arthur e Ricardo, enfim, se encaixam no perfil de tantos outros casais anônimos com uma história parecida, se não fosse o fato de que uma das partes não podia ver a outra. Nossos personagens se conheceram em uma festa; ou será que foi em um ponto de ônibus? Pensando bem, deve ter sido em um cruzamento movimentado da Recife de tantas histórias fascinantes, ou até da São Paulo que nunca para.

Mas como rolou a paquera, se não teve troca de olhares? Calma, calma, caros leitores, não fiquem sem graça de fazer uma pergunta como essa! Tenha certeza: você não foi o primeiro ou primeira a perguntar.

Nossa historinha traz o caso de um casal que se encantou e se apaixonou por tantas outras coisas intensas, potentes, com um poder suficiente para afirmar que não foi necessária nenhuma piscadinha para que rapidamente pudessem fechar os olhos para desfrutar do primeiro beijo.

O perfume dela, o jeito engraçado e às vezes decidido como ele se colocava; ela com aqueles cabelos volumosos e cacheados... Ele, com um tom de voz que dizia tudo sem precisar dizer quase nada.

Aquela química no ar impossível de não ser sentida, tinha um poder com capacidade para derreter qualquer preconceito!

Notem que nossa historinha fala sobre conquista e sedução sem a necessidade do olhar.

Trata da paixão e do relacionamento entre pessoas em condições diferentes. Enfim fala de coisas óbvias, porém ainda para muitos, possibilidades para lá do impossível.

Vivemos em uma sociedade cada vez mais pautada pelo visual e pela padronização. Muitos então desconsideram o fato de se sentir atraídos por outra pessoa, preferindo aquela mais bela, que possa ser interessante para ostentar socialmente.

Infelizmente não é incomum, em roda de amigos, piadinhas machistas carregadas de adjetivações grosseiras, expondo ao ridículo aquele que saiu com alguém eventualmente eleito pela turma como feio.

Deixar de viver um amor com alguém apenas por conta do padrão estético da vez, não é, nem de longe, o único equívoco de quem condena a oportunidade de amar por ser refém dos julgamentos de olhares preconceituosos.

Certa vez uma amiga cega, na oportunidade grávida, estava no ônibus voltando para casa, quando, de repente, ouviu, "quem foi o cafajeste que fez isso com a moça" Pois é, caros ouvintes, quanta gente tem deixado de amar simplesmente por enxergar na relação com o outro ou a outra algo feio de se ver?

F: A gente pode caminhar pra parte final desse bate-papo recorrendo a uma outra expressão que ficou muito popular, usada ao extremo, que é “ver a vida com os olhos do coração”. Essa figura, que faz parte do corpo humano, foi utilizada como símbolo para traduzir sentimentos. “Ver a vida com os olhos do coração”, a mim sempre foi muito apresentada essa frase, sabe? Você não enxerga, né, Ferrari, mas vê o mundo com os olhos do coração. E eu costumo brincar que nem sempre, né? Às vezes a gente não tá num dia tão bom, e o coração também não tá tão bem, e ele se fecha, e a gente acaba vendo o mundo com os olhos muito superficiais, ou conectados com outras perspectivas de pensar o mundo, né? Ver o mundo com os olhos do coração, significa “ver o mundo com os olhos dos sentimentos, da maneira mais intensa possível, professor...”

C: Ah, meu querido Carlos, eu vou provar a você que aquilo que mais conta, aquilo que mais importa, o maior valor, aquilo que é mais importante dispensar enxergar, claros. Quer ver? Quer ver a prova, Carlos? Quando um casal de namorados apaixonado se beija, se beija na boca, você imaginou isso, Carlos? Você imaginou?

É um momento de profunda intimidade. É um momento de profunda entrega. É um momento onde você espera do outro a superação do cotidiano mais rasteiro. E quando você espera do outro a superação do cotidiano mais rasteiro, o que você espera que o outro faça com os olhos, Carlos? Diga? O que um casal, o que alguém que beija alguém espera do outro? Que ele feche os olhos.

Exatamente por quê? Por acreditar que as profundezas do sentimento, essas não podem ser obnubiladas, atrapalhadas, poluídas pelas besteiras que o mundo perceptivo visual pode nos oferecer sob forma de distração, sob forma de focos concorrenciais. Fechar os olhos é uma prova de entrega. É uma prova de confiança. É uma prova de união de almas... é uma prova de intimidade profunda...

E é por isso que enxergar o mundo com os olhos do coração como você diz, né, Carlos, é enxergar o mundo com um coração que não tem olhos; é enxergar o mundo com aquilo que temos de mais genuíno em nós, Carlos, que são nossas sensações. A maneira como nos deixamos afetar pelo mundo, né? A maneira como o mundo nos importa, nos afeta, nos tira da indiferença, nos tira da inércia e é claro, às vezes, Carlos, o mundo espera de nós o que o homem ou a mulher amada também esperam no beijo: que fechemos os olhos para podermos, finalmente, senti-lo na sua profundidade, sem maiores distrações e perfumarias visuais.

V: O veja bem é editado e conta com locuções de profissionais cegos ou com baixa visão. Quer conhecer a rádio da Organização Nacional de Cegos do Brasil e apoiar esse trabalho? É só baixar o App da Rádio ONCB na sua loja Android ou IOS. Para apoiar e conhecer a Organização, acesse o site: www.once.bor.br/doacao.

V: Rádio ONCB. ONCB - Todas as vozes em uma só rádio. O som de todas as vozes.

F: Espero que vocês tenham amado esse episódio. Que, de fato, tenha tocado no seu coração de tal ordem a abrir os olhos do coração e te estimular para, depois do episódio, depois desse momento, dessa nossa conversa, você pode amar mais vida, mais o mundo e exercitar, seja pela ausência, pela presença ou pela entrega, o amor cotidiano.

PODCAST VEJA BEM

Professor! Mais uma vez, muito bom tá com o senhor. Na semana que vem a gente volta, com o apoio do time da ONCB que, mais uma vez, edita esse programa e faz chegar ao ar com essa qualidade já reconhecida pelo nosso público. Até a semana que vem, professor!

C: Meu querido Carlos, até a semana que vem! Espero que todos tenham, de fato, amado nosso podcast. E, lembre: você, que está nos ouvindo, seja você quem for, para as sensações mais profundas, para aquilo que mais importa na vida, dê-se a oportunidade: feche os olhos! Faça como o amado: feche os olhos. Quem sabe assim, você consiga mergulhar na maravilha e na beleza da sua própria alma! Beijo grande! Até a semana que vem! Beijão a todos! Valeu, Carlos!

F: Valeu! Até segunda!

V: Esse conteúdo foi trazido até você por meio da parceria entre Espaço Ética e Social Soluções. Quer saber mais sobre cada um de nós? Visite os nossos sites:

www.espacoetica.com.br

www.socialsolucoes.com

